

REVISTA O BRASIL

PUBLICADA

QUINZENAL

DIRECTORES

PÂNDIA CALOGERAS, AFRANIO
ALFREDO PUJOL e PLINIO B.

REDACTOR-CHEFE

RODRIGO M. F. DE ANDRADE
Redacção e adm. - Rua Rodrigo Silva, 14. 1º

Brasileira de Leitura
Liga das Nações
Rio de Janeiro

NESTE NUMERO:

Contra a Saudade
Antonio José da Silva e a
Inquisição (III)

Circo

A America Latina e a So-
ciedade das Nações

Maria das Dôres

Revolução contra Evolução

Chronica de Politica Interna

Tobias Barreto contra Clo-
vis Bevilaqua

A Dansa das Folhas Mortas

Conto de Natal

Domicio da Gama

Lucio d'Azevedo

Felippe d'Oliveira

Helio Lobo

Alvaro Moreyra

Azevedo Amaral

Assis Chateaubriand

Mucio Continentino

Alcides Flavio

Gastão Cruis

Notas por Esmeraldino Olympio, Rodrigo M. F.
de Andrade, Manuel Bandeira, Renato Almeida
e Pedro Nava.

ANNO I — NUMERO 8 — 30 — DEZEMBRO — 1926 — RIO DE JANEIRO

CONTRA A SAUDADE

— Não posso crêr que sejam insinceros os que têm saudade da infancia e, como conclusão, da quasi unanimidade dos que desejam poder voltar a essa miseravel phase da nossa existencia, tiro que na verdade o homem adulto não é feliz.

— Mas tu és feliz, Sallustiano...

— Eu sou feliz, por comparação com o passado.

Perceberam a anedota que apontava, e, como as historias de Sallustiano não forçavam ninguem á cortezia da attenção por muito tempo, o homem que toma notas abriu uma das gavetas da memoria e se ageitou para ouvir na profunda poltrona: — Conta lá isso, rapaz!

O «rapaz», de bigode grisalho e cabeça quasi nua, tinha os olhos pellancudos de quem tem chorado ou gozado muito, que o resultado é o mesmo. Mas sob as suas palpebras meio descidas e como crestadas pela febre perenne de attenção, brilhava uma pupilla viva, alegre, de cão de caça prompto e á espera. Era d'ahi a sua mocidade, mais que dos gestos rapidos, mais que do riso que lhe acompanhava o discurso em phrases breves e seguras de expressão, mais que da escolha dos assumptos habituaes das suas conversas, que eram sempre temas com variações graciosas e optimistas. Mas n'aquella noite Sallustiano tinha cousas profundas a dizer. Bateu lentamente e longamente o champagne com a colher do grog, para expellir d'elle as bolhas de gaz, que tomam logar no esto-

mago e fazem vertigens á gente nervosa, e fechou um pouco os olhos sobre o aroma evocativo, musical, que balança o espirito na confusão de sensações de uma valsa amorosa e tonteante, de movimento transformado em canção vaga e caricia e perfume da pelle tepida vizinha. — Garcia, disse elle finalmente, quando se acabar todo o meu dinheiro, V. ha-de me tomar para seu copeiro, com largueza para escolher — o seu champagne e provar de vez em quando uma meia garrafa. Um copo de ambar espumante sobre uma mesa branca e com flores e a vista panoramica de uma cabeça bem penteada sobre um collo todo em curva, moventes, cheirando a abelha...

— Sallustiano, vamos á historia!

— Não é historia, é uma simples proposição, tendente a affirmar que a gente não é feliz quando é menino.

— Pois sim; mas a illustração?

— A illustração sou eu, somos nós, que vocês não soffreram menos de desejos incontentados, de terrores covardes, de restricções odiosas da personalidade...

— D'isso soffremos hoje...

— Os que a isso se accommodam, se preferem ser irresponsaveis. Mas em menino a gente tem a mesma individualidade, e não é livre de querer como é livre de sentir.

— Sallustiano, conta a historia, sem philosophia.

— Eis aqui: se o passado historico valesse como licção, seria para que se não

repetisse. Entretanto, cada infancia se repete, com a mesma escravidão de uma alma ás vontades, ás tyrannias de outras, e do desejo, do vão desejo de transformar as possibilidades em facilidades. Depois, o terror... Algum de vocês já esteve neurasthenico, depois de adulto?

— O Valladares, que teve todas as phobias...

— Nenhuma vale a theophobia, e eu tive essa, a envenenar-me a infancia. Todas as minhas fraquezas, todas as minhas ignorancias, todas as minhas humilhações de não poder, eu as lançava á conta d'essa causa obscura do mal, que me feria na minha dignidade de creatura intelligente e volitiva, e que, tanto me tinham dito que era omnipotente e justa, parecia brincar comigo injuriosamente. O medo rancoroso de Deus ensombrou-me a quadra luminosa da vida innocente.

— Sallustiano, você está phantasiando.

— Estou fallando com a sinceridade do homem que não sabe sustentar uma impostura. Qualquer leitor de romances, se a não experimentou por si, directamente, sabe meia duzia de phrases para exprimir a poesia das recordações, a doce melancolia amollecadora e benefica das voltas á casa paterna. Pois eu tenho algures uma casa paterna e nem sei quantas janellas ella tem de frente, nem em quantos quartos se divide, nem como se illumina nas manhãs de Dezembro ou nas tardes de Maio. Sei que tinha os tectos musgosos descidos suspeitosamente sobre as janellas de azul escuro, como uma casa phantastica, de Boecklin, e que d'essas janellas, com as costas voltadas para a sombra interior, arripante de pavores, vi muitas vezes levantar-se por cima das dunas, em pennachos que o luar sinistro prateava, a arrebentação do mar immenso, que me vinha engulir. O horizonte era baixo, tudo me ficava acima dos olhos, como para ainda mais desprezo: os morros por onde passava a estrada que levava a gente ás terras felizes da aventura, os coqueiros sussurrantes, conversando entre si perpetuamente, em conselho permanente de sedentarios, dando recados ao vento, para

os dias idos, para a figuração venturosa de outras paizagens que eu sonhava e desejava, nuvens no espaço e ramarias de arvores surradas pelo Nordeste, passarinhos trefegos e verões de azas de longo voo, tudo o que me interessava era visto de baixo, do fundo do meu soturno poço. As sombras nunca subiam; todas desciam, como se o sol se deitasse ao mesmo tempo nos quatro ramos do céu. E a propria agua que transbordava dos brejaes ao redor era vinosa, escura, da prolongada maceração de não sei que negrumes.

— Era um pesadelo a tua casa!

— Era, para mim, que vivia nella a enlanguecer de tédio, a suspirar de desejos reprimidos, a tiritar de terrores vagos, a ranger os dentes de odio contra o que se oppunha a minha felicidade, em furias de destruição e de homicidio, para provar a força que me negavam.

— Gentil alminha de creança! commentou um do grupo.

— Hoje sou melhor, declarou Sallustiano. Melhorei deixando a casa, e passada a infancia. Penso mesmo que era sómente de ser menino que a casa me parecia um ninho de pavores e de tédio, um ominoso carcere de treva. Houve lá uma creatura de olhos negros, muito doces e claros e serenos, que me trouxe ao collo e me protegeu contra os medos e me acalmou as furias insensatas e me encheu os vazios do pensamento, emquanto viveu. Essa tinha segurança e alegria até para cantar umas cantigas de que nunca mais achei o equivalente em musica e que para mim eram o canto. Quando, agarradinho a ella, face contra face, ou com a cabeça sobre o seu hombro e as mãos nas suas, eu ouvia a minha mãe cantar, sentia mudada a minha alma, mudado o mundo em torno. Agitação nervosa, receios confusos, incertezas e penas, tudo se acalmava, tudo era levado na onda de doçura d'aquella voz de encanto. Mas as mães sempre morrem cedo demais e a minha me abandonou na casa inimiga quando eu ainda mal sabia dizer o que sentia. Veem vocês? é outro dos horrores da infancia essa espantosa trage-

dia do primeiro encontro com a morte. Contam que esperniei e uivei, num frenesi, quando me levaram para beijar uma figura branca de cera, de mãos cruzadas sobre o peito, palpebras cerradas sobre os olhos encovados e um rictus de amargura na bocca de labios roxos. Quizeram forçar-me a tocar aquella face sinistra, mas desistiram á vista do meu terror. Parece que eu disse a meu modo que aquella cousa tão fria, tão fria, tão quieta, não era a minha mãe, que era viva e bonita e de labios vermelhos e quentes para mim. A casa odiosa ainda me guardou uns annos, tempo bastante para aprender a detestar a saudade, que é a obsessão da morte. Mas quando me emancipei da infancia, a alegria que tenho hoje de viver no dia, na hora, que vale por si, toda no presente! Ha uns annos atraz vi do alto da estrada...

O mais attento do grupo interrompeu, quasi irado:

—O proprio da saudade é adoçar a memoria das penas soffridas, é esquecer o mal passado.

—Porque lhe chamas tu saudade então, se é o esquecimento o que nella vale? Ou é a mentira? Eu lhes posso contar uma historia de verdadeira saudade...

Mas o dono da casa puxou o relógio;

—Isto já vae sendo tarde. Se vocês ainda querem assistir ao fim do bailado, podem evitar as conclusões do Sallustiano, que são pelos gozos da velhice.

—Velhice? scismou o Sallustiano. Se é velhice o tempo presente, viva a velhice! Riram todos e foram vestir os capotes.

DOMICIO DA GAMA.

